

CLIMA

2 de dezembro de 2017

GÊNIOS E FADAS NOS SALVARÃO

Um vírgula cinco graus. Além de dar nome ao birbuçuk, esse número é um limiar político e filosófico. Permanecer abaixo dele exige uma transformação sistêmica radical. Ultrapassá-lo significa recuo gerenciado para os ricos e catástrofe para a maioria. Esse enquadramento envolve toda a sessão.

"A única solução, dizem, são as emissões negativas. Pense bem — não é diferente de dizer que gênios e fadas nos salvarão."

As promessas de soluções tecnológicas são, na realidade, passos no caminho para 4–5 graus de aquecimento. Tecnologia de emissões negativas, crescimento verde, captura de carbono — todas são continuações da mesma lógica modernista: buscar soluções pelos instrumentos do próprio sistema que gera o problema, sem questionar o sistema em si. Mas a questão climática vai muito além da proteção ambiental. Significa se engajar com tudo o que o sistema industrial abateu sobre nós — e fazer isso sem luta política, sem organização, é impossível. A política verde não é uma opção, mas uma necessidade. Ela se diferencia do ambientalismo puro ou da política da esquerda tradicional — exige pensar juntos sobre necessidade ecológica, justiça social, participação democrática e transformação sistêmica. Sem uma perspectiva holística, nenhuma dessas questões pode ser abordada.

Mas de onde você vem, onde você está, também importa. Diferentes genealogias intelectuais produzem ecologias diferentes. A ecocrítica anglo-saxã, os movimentos Verdes europeus, a tradição da ecologia política após 2000, o contexto particular da Turquia — o movimento antinuclear, Gezi, lutas locais específicas — todos bebem de fontes diferentes. Não existe ambientalismo universal. Entre a tradição de John Muir e a de Ivan Illich, entre os Verdes alemães de Rudolf Bahro e o ambientalismo turco dos anos 1990, há diferenças profundas. Reconhecer essas diferenças é a pré-condição para o diálogo real — não uma questão de certo e errado, mas de onde, quando e com quem o pensamento toma forma.

VENCER DEVAGAR É PERDER

Uma voz de dentro do ativismo climático confronta uma verdade amarga: na luta pelo clima, vencer devagar equivale a perder. A decepção na cúpula COP em Copenhague — a enorme presença policial, a marcha dramática, a mesa de negociações que desmoronou no final — marca o ponto de ruptura de uma passagem da esperança ingênua ao realismo estratégico.

"Uma mudança ocorre na estratégia: de abordagens focadas no consumo para a luta por manter os combustíveis fósseis no subsolo. Do lado da demanda para o lado da oferta. De escolhas individuais para atos de ruptura de infraestrutura. A desobediência civil é o nome da nova linguagem."

A experiência do Global Power Shift — treinar seiscentos ativistas climáticos de 136 países em Istambul durante uma semana — oferece um modelo do que pode parecer a construção de movimentos. Organizadores e financiamento depois se espalharam para mais de oitenta países. Bloqueios de minas de carvão, interrupções de infraestrutura petrolífera — cortar o fornecimento é uma intervenção mais direta do que gerenciar a demanda. Projetos de mapeamento da justiça ambiental tornam visíveis quais comunidades carregam o custo ecológico do crescimento econômico, quem possui os recursos, quem lucra, quem sofre. Grupos de trabalho de ecologia política,

atlas globais de justiça ambiental – essas são ferramentas que conectam a resistência local a padrões globais.

Mas uma tensão permanece: entre essas redes internacionais e as quarenta a cinquenta lutas locais em andamento na própria geografia da Turquia – lutas em nível de aldeia contra barragens, projetos hidrelétricos, operações de mineração – como pode ser feita uma conexão? Os círculos intelectuais e as resistências das aldeias estão em grande parte desconectados uns dos outros. As lutas contra a mineração em Bergama, contra projetos hidrelétricos em Artvin, contra a expansão do carvão em Yatağan, contra usinas planejadas perto do templo de Lagina – cada uma continua por conta própria. Os momentos de conexão – a campanha contra a usina nuclear de Akkuyu, Bergama – são breves e raros.

Por que tão fragmentado? Como a resistência organizada pode ser articulada? Como a produção intelectual e artística pode se aproximar da luta em nível de aldeia sem apropriar-se dela ou distorcê-la? É necessário ir além da pura oposição – recusa perpétua – e produzir arcabouços alternativos. A política verde se distingue do mero ativismo verde precisamente por sua capacidade de desenvolver essa visão política afirmativa.

SE É ESTA A CRIATURA QUE SEREMOS

A voz mais sombria é a mais provocadora. Ela carrega um pessimismo antropológico profundo sobre a destrutividade da espécie humana: se a humanidade é para ser este tipo de criatura, um daqueles que acha que seria muito bom se ela desaparecesse.

"Uma parte significativa da população mundial não é realmente necessária. Se três e meio a quatro bilhões dos sete bilhões desaparecessem amanhã de manhã, nada em nossas vidas mudaria."

Isso não é ódio, mas uma leitura franca da própria lógica do capitalismo contemporâneo. Não é a sociedade humana que produziu a situação presente? A concentração de poder das elites está em níveis sem precedentes. A Sexta Grande Extinção já começou – como consequência inevitável da civilização humana. Nada acontece de fato à natureza – o que estamos destruindo são as condições de existência de uma espécie viva. A noção de "Espaçonave Terra" é insuficiente; o problema não é o comportamento individual, mas a estrutura da civilização. A relação do ser humano com a natureza é egocêntrica – ele se separa da natureza, separa sua cultura da natureza, sempre fez isso.

Mas esse pessimismo não produz paralisia. Ao contrário: a disposição de trabalhar contra tudo o que poderia acelerar a extinção surge não da esperança, mas da necessidade ética. Continuar sem nenhuma garantia de sucesso – porque continuar é necessário. Este é um depósito carregado pela geração de intelectuais da esquerda pré-1980: a experiência da derrota após o golpe, as conexões com o movimento Verde alemão, linhas de luta conduzidas separada e conjuntamente com feministas, ecologistas, socialistas.

A prática documental é uma forma de testemunho e engajamento crítico. Modos estéticos e poéticos de comunicação ficam ao lado dos analíticos. Esta voz – que participou de campanhas ambientais mas nunca se posicionou como especialista ambiental – carrega a liberdade de olhar de fora do movimento.

O experimento Walden de Thoreau é lembrado como uma prática de escala apropriada. Os relatórios do Clube de Roma, A Sexta Extinção de Elizabeth Kolbert, a leitura de Harari da espécie humana – todos convergem no mesmo ponto: nem o utopismo tecnológico nem o ambientalismo ingênuo são suficientes.

SEM SOLO NÃO HÁ CULTURA

Um arquiteto-curador começa questionando a própria terminologia. A palavra "natureza" é inteiramente um conceito de nossa própria invenção. A formulação de Fernando Pessoa é precisa: "A natureza é uma doença das nossas cabeças." A separação do humano da natureza é o próprio problema – não a solução.

"Kaide em turco é uma palavra que fica bem na língua. Kaide significa base, mas também significa regra. E definimos a regra da seguinte forma: sem solo não há agricultura, sem agricultura não há cidade, sem cidade não há cultura."

O projeto Kaide — módulos de solo de 50x150x50 cm instalados perto do Taksim, ao lado do Parque Gezi — convida agricultores, poetas, colecionadores, músicos a produzir com solo. Ele abala as suposições em torno da agricultura urbana. O solo não é matéria-prima, mas um modo de relação. Colocar o ser humano no centro como sujeito e objeto — mas provocar o pensamento, por um momento, de que não está no centro de tudo.

A exposição Aşı (Enxerto) examina as barragens no Eufrates e no Tigre — usando a metáfora do enxerto para conectar a transformação ecológica e política. "Quem nos dá o direito de construir uma parede através do rio?" não é uma pergunta técnica, mas ontológica. O projeto Hepbahar investiga a dormência das sementes — questionando os limites da produção forçada em estufas com espectros de luz artificial, questionando a intervenção nos ciclos naturais. A tecnologia é muito tentadora para nós: podemos mudar algo, podemos construir uma bela barragem contra a natureza — "Vejam o que fiz." Mas esse encantamento é uma forma de dominação.

Um encontro com líderes indígenas Kayapó em Paris transforma o pensamento em sua fundação. A reação do líder indígena no Museu de História Natural: "Há apenas coisas mortas aqui. De onde viemos, a natureza é viva, relacional, participativa." Vivemos juntos com eles, somos um com eles e a totalidade — essa totalidade te atinge. Vemos mais uma vez o quão falsa é a coisa que fizemos. O sistema de conhecimento ocidental é construído sobre a conversão de relações vivas em coleções mortas. Essa violência epistemológica está no próprio coração da crise ecológica.

MUSEUS E CONHECIMENTO MORTO

Os museus possuem uma oportunidade extraordinária — todos, do mais jovem ao mais velho, os veem como repositórios confiáveis de conhecimento. Mas a prática museológica atual suprime a consciência ecológica mais do que a produz. Não há museu de história natural na Turquia — uma lacuna institucional fundamental. Os museus que existem são "boutique" — não são instituições reais.

"Não consigo percorrer um museu sem um nó na garganta, sem passar por fases de tontura e tropeços. Não consigo percorrer ali de jeito nenhum. Porque há apenas coisas mortas."

A museologia ecocrítica propõe repensar não apenas os museus de história natural, mas todos os museus. O museu pode deixar de ser um lugar que apresenta conteúdo sobre o ambiente e tornar-se uma instituição que questiona fundamentalmente o modo de produzir conhecimento e consciência. Modelos de democracia ecológica — governança baseada nos comuns, tomada de decisão não hierárquica, autonomia local — podem ser adaptados à prática museológica.

A influência de Bruno Latour, o arcabouço de democracia ecológica de Dominique Bourg e Kerry Whiteside, práticas museológicas participativas e cocriativas — tudo faz parte de um esforço para deslocar a produção do conhecimento do extrativismo acadêmico para uma prática centrada na comunidade. Exemplos internacionais como a iniciativa Arte + Ambiente do Nevada Museum of Art de 2009, redes internacionais de profissionais de museus ecológicos — essas são estruturas que ainda não têm equivalentes na Turquia, mas deveriam ter.

O conceito de Antropoceno também é discutido — a época geológica definida pela dominação humana. A crítica é clara: quais humanos? Qual anthropos? Ele carrega um falso universalismo, oculta diferenciais de poder, pode apagar alternativas indígenas. Mas nomear a crise atual é simultaneamente necessário. As exposições de museus abordam cada vez mais o Antropoceno — se e como podem fazê-lo de forma responsável permanece uma questão aberta.

O LIMITE DA LINGUAGEM, O LIMITE DO PENSAMENTO

Uma das tensões mais profundas da sessão diz respeito à linguagem. As palavras que usamos para discutir o ambiente e a ecologia — "natureza", "meio ambiente", "conservação", "preservação" — carregam pressupostos problemáticos. "Natureza" implica algo separado do humano; a perspectiva que diz "não existe natureza, existem árvores, existem ovelhas" recusa essa abstração. "Meio ambiente" transforma o mundo em algo envolto ao redor do ser humano. A terminologia científica cria distância entre o especialista e o público. A linguagem dos museus — Antropoceno, conservação, preservação — tudo carrega pressupostos problemáticos.

Há uma dupla tarefa: a crítica da terminologia herdada e a criação de novas palavras enraizadas em lugares e relações específicos. Não como primitivismo romântico, mas como necessidade epistemológica. A distinção entre natureza primeira e natureza artificial desmorona — toda a natureza contemporânea é mediada pela mudança climática, pela poluição, pelo design humano. Mas os humanos também são parte da natureza; nossas intervenções podem ser relacionais em vez de dominadoras. O enxerto — como metáfora de intervenção tecnológica não violenta — contrasta com o represamento, a mineração e o extrativismo.

"A relação que o povo Alevi de Dersim estabelece com o solo, a montanha e a água através da figura de Hızır não pode ser capturada pela linguagem da 'conservação' — mas codifica um sofisticado conhecimento ecológico. A dimensão sagrada suprimida pelo ambientalismo secular emerge precisamente aqui."

Como as religiões monoteístas mudaram nossa relação com o lugar é discutido: Pan morre, a natureza sagrada é mercantilizada, aberta para uso humano. Mas não há retorno ingênuo à religião aqui. Redescobrir a relacionalidade sagrada por meio de práticas novas/antigas — uma dimensão de reverência, cuidado, respeito que excede o cálculo é necessária. Quando a ética ambiental é reduzida ao puro cálculo, à gestão de recursos, ela destrói a própria relação que deveria proteger.

O princípio dos agricultores Gamo é lembrado: tome o que precisa, nunca tome mais. A consciência Gaia do povo Dogon — comunicação direta com a Terra como ser vivo e relacional. Essas não são afirmações metafóricas, mas ontológicas. O pensamento de Michel Serres oferece um arcabouço filosófico para essa relacionalidade.

A experiência temporal das crianças também está conectada a essa discussão. Seres que vieram ao mundo de um modo que nós próprios iniciamos, seres que habitam nossa casa, seres que supostamente educamos — eles vivem num tempo diferente. Uma temporalidade corporal, relacional, enraizada no presente, diferente do tempo linear dos adultos. A crise climática também é uma ruptura de regimes temporais. Novos modos de existência incluem novos modos de devir temporal.

A AMIZADE É UMA INFRAESTRUTURA

Talvez a descoberta mais inesperada da sessão seja a redescoberta da amizade como forma política. O conceito de *philia* de Ivan Illich — amor/amizade pelo outro, uma relacionalidade que se estende a outros não humanos — vem a ocupar o centro da discussão.

"Mecanizamos tanto essa questão, a levamos a um ponto tão científico, mecânico, acadêmico e até profissional que... parece que nos tornamos separados da própria coisa."

A profissionalização mecanizou o movimento climático e ambiental da Turquia. As relações orgânicas do começo — relações fundadas na amizade e no compromisso compartilhado que geravam criatividade espontânea — foram convertidas em formatos de simpósio, ciclos de financiamento, construção de carreira. O período 2009–2013 produziu campanhas significativas baseadas em relações pessoais, criatividade espontânea, amizade real. Mas a institucionalização que se seguiu perdeu a capacidade produtiva criativa; o movimento recuou para uma posição defensiva. O momento Gezi foi um exemplo de gênese orgânica — a profissionalização que se seguiu foi uma perda.

Artistas e escritores também recebem sua parte nessa desconexão. Estão dispostos a assinar declarações de solidariedade, mas não a fazer trabalho substantivo. Há razões estruturais: pressões institucionais, lógica de mercado, profissionalização. No entanto, literatura e arte podem ser fontes epistemológicas, não apenas veículos de comunicação. A experiência estética pode perturbar modos herdados de pensar e perceber. O movimento Verde alemão bebeu profundamente da tradição artística romântica — essa conexão permanece significativa.

Mas há também a necessidade de falar de amor corrompido. O amor excessivo que sentimos por aqueles que mais se parecem conosco, com quem concordamos demais — nacionalismo, comunalismo religioso, exclusividade familiar — produz o Outro. A *philia* real, ao contrário, é amor pela diferença: a capacidade de ser transformado no encontro com o outro, amizade além das fronteiras.

A luta para proteger os Jardins de Yedikule tem sucesso através do "conhecimento mútuo" — reconhecimento cara a cara, não filiação formal. A lógica profissional/institucional cria fragilidade; as redes baseadas em amizade são mais resilientes. O pensamento de Hardt e Negri, o conceito de *philia* de Illich, a parábola do Bom Samaritano — todos convergem no mesmo ponto: a relacionalidade ética é a precondição para uma política ecológica genuína.

"A parábola do Bom Samaritano é lembrada: 'Ama o teu próximo como a ti mesmo' — não como um mandamento, mas como um convite a reconhecer a humanidade e a vulnerabilidade compartilhadas através da diferença."

TRABALHAR NO ESCURO

Um espectro de pessimismo e esperança se abre ao longo da sessão. No extremo mais sombrio, a inevitabilidade da Sexta Extinção. No extremo científico-estratégico, a transformação radical exigida pela meta de 1,5 grau. No extremo ativista, a construção de momentum por meio da desobediência civil e da organização local. No extremo esperançoso-crítico, projetos participativos de pequena escala e trabalho museológico ecocrítico.

A observação de Wallerstein é lembrada: o capitalismo está morrendo — em sua fase terminal — mas o que o substituirá ainda não foi determinado. Este é um período de máximo perigo, mas também de máxima possibilidade. Uma transição caótica e violenta é inevitável, mas alternativas podem ser ativamente construídas — esperar não é suficiente.

A distinção é vital entre esperança falsa — "soluções" neoliberais, correções tecnológicas, escolhas de consumo individual — e esperança fundamentada — construir alternativas reais, praticar relações diferentes, expandir espaços de autonomia. Democracia ecológica, futuros pós-capitalistas — não são previsões, mas construções ativas. Governança baseada nos comuns, tomada de decisão não hierárquica, autonomia local combinada com coordenação translocal, a inclusão de outros não humanos — não são utopia, mas necessidades práticas.

Esta sessão do birbuçuk é ela própria uma tentativa de reconstruir a prática intelectual orgânica, baseada na amizade, após o período de profissionalização. Ela modela como poderia ser a vida intelectual pós-neoliberal: enraizada em relações reais, cruzando fronteiras disciplinares, enraizada na luta concreta, sem medo do pessimismo e das perguntas fundamentais. Com esta série de sessões, o birbuçuk faz precisamente isso — cientista do clima, ativista ambiental, cineasta documentarista, arquiteto-curador, profissional de museu na mesma mesa, com a mesma pergunta: como podemos fazer as coisas de forma diferente?

Há também a necessidade de registrar o que está ausente: a voz da classe trabalhadora e das comunidades empobrecidas, a discussão de alternativas econômicas concretas, o pensamento ecológico islâmico, representantes diretos dos movimentos de resistência rural — todos estão ausentes, e a sessão está consciente de sua ausência. Uma avaliação honesta também vê o que não está lá.

Mais importante: a conversa não resolve, aprofunda. Os participantes estão incertos sobre quais são os próximos passos — mas mais conscientes do que está em jogo. A meta de um vírgula cinco grau cria urgência sem reproduzir a lógica do pânico. A ênfase na amizade e na *philia* oferece uma alternativa tanto ao cinismo exausto quanto ao otimismo forçado. Isso é honestidade intelectual, e é uma necessidade política.